

Economista e empresários atacam política econômica

Mais uma vez na berlinda, o Plano Macroeconômico foi duramente criticado durante o seminário promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro. Diante de 162 empresários, Roberto Campos responsabilizou o atual governo pela fuga de capitais brasileiros do país. Pelo que apurou num boletim financeiro do FMI, essa fuga corresponde a US\$ 1 bilhão. Para Campos, o Brasil está na contramão da história.

O economista deu ênfase à internacionalização da produção, enquanto empresários como Amaury Temporal, Jorge Gerdau e João Donato preferiram botar na mesa suas preocupações com a Constituinte, a intervenção governamental na economia, controle de preços e carga tributária. Sem deixar de bater na tecla predileta: o déficit público. Nesse ponto, Campos sugeriu que o governo, em vez de penalizar as empresas com aumento de impostos, oferecesse a opção da compra de ações das estatais.

Ao considerar a importância da participação do país na economia internacionalizada, o presidente da Associação Comercial, Amaury Temporal, defendeu um plano macroeconômico que incorporasse a busca de eficiência da "Rússia de hoje". Referiu-se à abertura da economia russa às *joint ventures* e condenou as "posturas isolacionistas" do Brasil.

Campos lembrou que a reserva de mercado é o oposto da "fábrica global". Ele arrancou gargalhadas da plateia ao considerar "fator erótico a preferência do governo por capital de aluguel e aversão ao capital de risco": "É uma tara preferirmos credores implacáveis a sócios complacentes."

Jorge Gerdau trilhou por um outro caminho, admitindo que o empresariado está dividido na questão da abertura ao capital estrangeiro. "O grande empresariado sempre foi beneficiado pela formação de cartéis, é difícil vencer essa mentalidade" — comentou. Para ele ainda não houve conscientização do que é pensamento liberal e liberdade econômica.

Como presidente da Firjan, João Donato observou que a expectativa de inflação persiste. E esse quadro só mudará se o governo fizer o

país resvalar para uma dura recessão. Afirmou que no momento não há condições psicológica e efetiva de investimento. "O aumento da carga fiscal vai atingir os setores mais dinâmicos, e não se sabe o que virá depois da Constituinte."

A tendência estatizante da Assembléia Nacional Constituinte, a inflação alta e o congelamento de preços são fatores que assutam os empresários e provocam a fuga de capitais do Brasil. A opinião é do presidente da Xerox, Sérgio Gregory, que vê os países desenvolvidos empenhados em grande disputa para atrair capitais, com a Espanha projetando conseguir este ano 5 bilhões de dólares de investimentos estrangeiros. Enquanto isso, o Brasil, que registrava o ingresso médio de divisas de 1 bilhão de dólares anuais, viu este saldo se tornar negativo em 125 milhões de dólares no ano passado.

Também preocupado estava o presidente da construtora Servenco, Jacob Steinberg; para cada 15 imóveis comercializados em agosto do ano passado, no Rio de Janeiro, agora só vende apenas 1.

Temporal, do Riopart, o banco de negócios, disse que há o temor de uma nova escalada da carga tributária, com aumento dos impostos para cobrir o déficit público, como aconteceu no Plano Cruzado, sem sucesso.

☐ A última fórmula de tabela em estudo para os papéis de renda fixa, a ser apresentada à próxima reunião do Conselho Monetário Nacional, na terça-feira, prevê uma alíquota de 45% para ganhos de capital sobre papéis com vencimento em 60 dias; 35% para papéis de 90 dias; 25% de 180 dias; e 20% para vencimentos superiores aos seis meses. Outra fórmula examinada ontem em São Paulo, durante reunião de quatro horas realizada no Banco Central, entre o diretor da Dívida Pública, Alkimar Moura, representantes da Receita Federal e de entidades ligadas ao sistema financeiro, prevê uma nova conceituação para papéis de curto prazo, que seriam aqueles de até 28 dias.